

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

D.M^{II}



**V
Z
A
L
T
A**

FESTIVAL DE LEITURAS ENCENADAS

Voz Alta

Festival de leituras encenadas

Este *Voz Alta – Festival de leituras encenadas* é um momento único para se deixar habitar pelas palavras. Muitas palavras. Algumas familiares e outras desconhecidas. Consoladoras ou provocantes. Mas todas elas em voz alta.

A leitura de fragmentos de *O Torcicologologista, excelência* de Gonçalo M. Tavares marca a abertura do festival, que tem como convidado de honra Faustin Linyekula – Artista na Cidade 2016. Faustin é responsável pela coordenação de quatro leituras e Paula Diogo, Tónan Quito e João Pedro Mamede lançam o seu olhar sobre os textos produzidos no Laboratório de Escrita para Teatro, coordenado por Rui Pina Coelho. Ainda, e numa parceria com o Teatro São Luiz, Sara Carinhas traz-nos a poesia de Matilde Campilho.

22 – 26 jun 2016
qua – dom, 16h – 23h
Sala Garrett, Jardim do Palácio da Independência
M/6

equipa TNDM II
produção executiva Pedro Pires
na Sala Garrett
direção de cena Manuel Guicho, Pedro Leite
ponto João Coelho
operação de som Sérgio Henriques, João Neves
operação de luz Daniel Varela, Pedro Alves
maquinaria Rui Carvalheira
auxiliar de camarim Paula Miranda
no Jardim do Palácio da Independência
direção de cena Carlos Freitas, Catarina Mendes
ponto João Coelho

22 JUNHO

21 H / SALA GARRETT

**Excertos de *O Torcicologologista, excelência*
Gonçalo M. Tavares**

– Gosto muito de bater na cabeça das pessoas com uma certa força.
– Gosta?
– Sim, agrada-me. Dá-me prazer. Uma pessoa vai a passar e eu chamo-a: ó, desculpe, Vossa Excelência?!
– E ela – a Excelência – vai?
– Sim. Quem não gosta de ser chamado à distância por Vossa Excelência? Apanho sempre, primeiro, as pessoas pela vaidade... é a melhor forma.
– E quando a pessoa-Excelência chega ao pé de Vossa Excelência, o que acontece?
– Ela aproxima-se e pergunta-me: o que pretende? E eu, com toda a educação e não querendo esconder nada, digo: gostava de bater com certa força na cabeça de Vossa Excelência. É isto que eu digo, apenas. Nem mais uma palavra.

com Carlos Vaz Marques e Gonçalo Waddington acompanhados pelos músicos Alexandre Vaz e Vasco Marques

**Excertos de *Diário de um retorno ao país natal*
Aimé Césaire**

A história deste que é considerado o poema fundador da negritude é espantosa. O poema foi descoberto, totalmente por acaso, numa mercearia de Martinica, em 1941, por André Breton, durante uma longa escala de um navio francês que levava para os Estados Unidos, em condições deploráveis, artistas e intelectuais considerados “indesejáveis” pelo governo de Vichy. Cheio de admiração, Breton, um dos viajantes, saudou o texto quase de imediato como “o maior monumento lírico do nosso tempo”.

com Faustin Linyekula

23 JUNHO

18 H / SALA GARRETT

**Portugal: manifestação em um acto
Eduardo Molina**

Furiosos. Furiosos e muitos. Muitos às portas de S. Bento. Muitos berros de muita gente. Muitos cêntimos a serem contados, muitos jovens desorientados, muitos bancos mal-parados. E muitos mais que nós, no sofá, esparramados. A malta já sabe. A malta já sabe mas parece que a malta ainda não vê que somos muitos, cada vez mais com necessidade de esvaziar pulmões, derramar frustrações e verter lágrimas em S. Bento.

coordenação João Pedro Mamede
com Ana Água, Ana Tang, Ana Valente, João Grosso, Lúcia Maria, Manuel Coelho, Marco Mendonça, Maria Amélia Matta, Paula Mora, Sandra Pereira e Victor Yovani
Leitura seguida de apresentação de reportagem / documentário do jornal Público, de Frederico Batista, sobre o Laboratório de Escrita para Teatro.

21H / SALA GARRETT

**Privado
Sofia Santos Silva**

Privado determina o potencial de um espaço íntimo de três jovens atores que procuram a transcendência a todo o custo. Recriam episódios de séries americanas dentro da própria casa e, desejando um hiper-realismo, enredam pessoas desconhecidas nos guiões a cumprir. Não há um questionamento moral ou ético destes jovens perante o que fazem.

coordenação João Pedro Mamede
com João Grosso, Marco Mendonça, Sandra Pereira e Victor Yovani

**Terás a promessa de voltar ao lugar de partida
Ricardo Vaz Trindade**

Nada disto é novo: a sociedade de consumo esbateu os contornos da identidade, da cultura e da língua e criou a figura

da mulher e do homem de sucesso, gente feliz atrás de sorrisos manipulados em Photoshop. As promessas dos media aplacam as frustrações e promulgam o objetivo de crescer sempre mais, ter sempre mais, ser sempre mais. *Terás a promessa de voltar ao lugar de partida* é a história de uma mulher em conflito com o seu próprio crescimento.

coordenação Paula Diogo

com Ana Valente, Ricardo Vaz Trindade e Marco Mendonça

24 JUNHO

18H / JARDIM DO PALÁCIO DA INDEPENDÊNCIA

Europa

Daniel Gamito Marques

Desempregado e sem dinheiro, um jovem especialista em Estudos Clássicos toma uma medida drástica. Inspirando-se na Grécia Antiga e tirando partido da sua juventude e beleza, resolve dar aulas completamente nu para atrair mais alunos. Torna-se um fenómeno, mas vive assombrado por visões do passado. Poderá alguém reverter a decadência de uma cultura com mais de dois mil anos de existência?

coordenação João Pedro Mamede

com Ana Tang, Ana Valente, João Grosso, Lúcia Maria, Manuel Coelho, Marco Mendonça, Paula Mora, Sandra Pereira e Victor Yovani

21H / SALA GARRETT

Civilização

Lígia Soares

Civilização é uma peça que aborda a representação como algo criado para nos substituímos a nós próprios e à nossa ação. O teatro torna-se assim esse espaço em que toda a representação é justamente uma fuga às demandas reais e em que o discurso pretende denunciar, ser mobilizador, arrancar o espectador das cadeiras para no final compreender que este não reclama nada mais do que um infantil consolo.

coordenação Paula Diogo

com Ana Águas, Ana Valente, João Grosso e Victor Yovani

Excertos de *Portugal, a Flor e a Foice*

José Rentes de Carvalho

Escrito em 1975, em cima dos acontecimentos que então convulsionavam Portugal (e que eram acompanhados com entusiasmo e apreensão pela Europa e o resto do Mundo), *Portugal, a Flor e a Foice* é a observação pessoal que um português culto e estrangeirado faz do seu país em mudança. Nesta apreciação aguda e de tom sempre crítico, todos os mitos da História Portuguesa são, senão destruídos, pelo menos questionados.

coordenação Faustin Linyekula

com Ana Águas, Ana Tang, Ana Valente, João Grosso, José Neves, Lúcia Maria, Manuel Coelho, Marco Mendonça, Maria Amélia Matta, Paula Mora, Sandra Pereira e Victor Yovani
cravista Joana Bagulho

25 JUNHO

16H / SALA ESTÚDIO

Congo

Éric Vuillard

“O Congo, isso não existe.” É preciso então inventá-lo. Em 1884, na Conferência de Berlim, as grandes potências europeias partilharam África entre si, tendo sido criado o Estado Livre do Congo que se havia de transformar numa mera empresa comercial. Vieram então os arroteamentos, a instalação das agências comerciais, os massacres... Neste texto, Éric Vuillard oferece ao mal uma face.

coordenação Faustin Linyekula

com Ana Águas, Ana Tang, Ana Valente, João Grosso, José Neves, Lúcia Maria, Manuel Coelho, Marco Mendonça, Maria Amélia Matta, Paula Mora, Sandra Pereira e Victor Yovani

18H / ÁTRIO DO D. MARIA II

Lançamento da revista *Sinais de Cena*

Fundada em 2004, a revista *Sinais de Cena* inaugura uma segunda série, desta vez sob a chancela das edições Orfeu Negro. Este primeiro número é dedicado ao tema «Teatro e Memória».

19H / SALA GARRETT

Leitura de poemas de Matilde Campilho

Tudo começou com uma proposta de Sara Carinhas ao São Luiz. Fazer um ciclo de leituras que funcionasse como um exercício de encenação para que pudesse voltar ao teatro com alguma tranquilidade, mas também para abrir espaço a uma lista de atores que considerava serem preciosos e amantes da língua portuguesa. As leituras foram acontecendo, e chegam agora ao D. Maria II com a poesia de Matilde Campilho, uma poeta da sua geração que “escreve como quem pinta, com um gosto raro e feminino, que é preciso ser partilhado”.

coordenação Sara Carinhas

música Madalena Palmeirim com Ana Luísa Valdeira
com Isac Graça, Maria João Pinho, Maria Leite, Miguel Raposo e Madalena Palmeirim (voz, piano, autoharpa, ukelele), Ana Luísa Valdeira (violino) e Nuno Morão (percussão)
parceria São Luiz Teatro Municipal e TNDM II

21H / SALA GARRETT

Quarto minguante

Joana Bértholo

Lara, Raquel, Jeremias, Ema, Vicente e Jorge não estão bem, a sua situação é cada vez mais redutora, mas não saem em busca de outro lugar. Temem que o novo seja pior. Dito isto, como é possível que seja mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do atual sistema económico? E a imaginação? Quarto minguante é o ciclo de tempo que sucede o Cheio e antecede o Novo.

coordenação da leitura Tónan Quito

com Ana Valente, João Grosso, Lúcia Maria, Manuel Coelho, Marco Mendonça, Maria Amélia Matta, Sandra Pereira e Victor Yovani

26 JUNHO

16H / SALA ESTÚDIO

Como um quarto sem telhado

Marta Rema

Dentro do indizível existe todo um espectro de coisas a acontecer, coisas surpreendentes, terríveis, inexplicáveis, que existem — que vivem — fora da lógica do quotidiano, da civilização, e porém afetam o seu núcleo, de forma corrosiva e fértil. Nesta zona onde se forma a poesia, que coexiste com o luto e com a alegria, contrariando todo o esquema de deveres a que somos constantemente remetidos, abre-se o espaço decisivo: o que verdadeiramente interessa não é a fome, que pode sempre ser aliviada, mas a cicatriz interior que ela deixa, essa sim implacavelmente irremediável.

coordenação Paula Diogo

com Ana Água, Ana Valente, João Grosso, Marco Mendonça, Marta Rema e Vítor Yovani

16H / SALA ESTÚDIO

Pensão Glória

Mia Tomé

Numa pensão, como num sonho, onde os lugares mudam de dimensão sem nos apercebermos, um lugar onde habita o improvável, a exaustão e o medo. Ninguém consegue ir para a rua, ninguém consegue sair.

Aguarda-se que algo aconteça, vivem-se tempos de melancolia, esperam-se dias de glória.

coordenação Tónan Quito

com Ana Valente, João Grosso, Lúcia Maria, Manuel Coelho, Marco Mendonça, Maria Amélia Matta, Sandra Pereira e Vítor Yovani

18H / SALA GARRETT

Excertos de Irei dançar sobre o túmulo de Senghor

Blaise Ndala

Quarenta anos depois, o texto de Blaise Ndala revisita a "Luta do Século" entre Muhammad Ali e George Foreman, no Zaire, em 1974. Mais do que uma história sobre um combate de boxe é a história de África após a descolonização. Num estilo incisivo, o autor mostra os bastidores de um confronto memorável, a partir do qual se mergulha nas relações urbano-rurais, na ditadura, nos delírios de grandeza, nas tensões entre classes e nas diferentes crenças. Este é um trabalho com um carácter universal.

coordenação Faustin Linyekula

com Ana Água, Ana Tang, Ana Valente, João Grosso, José Neves, Lúcia Maria, Manuel Coelho, Marco Mendonça, Maria Amélia Matta, Paula Mora, Sandra Pereira e Vítor Yovani

Leitura seguida de conversa com Faustin Linyekula